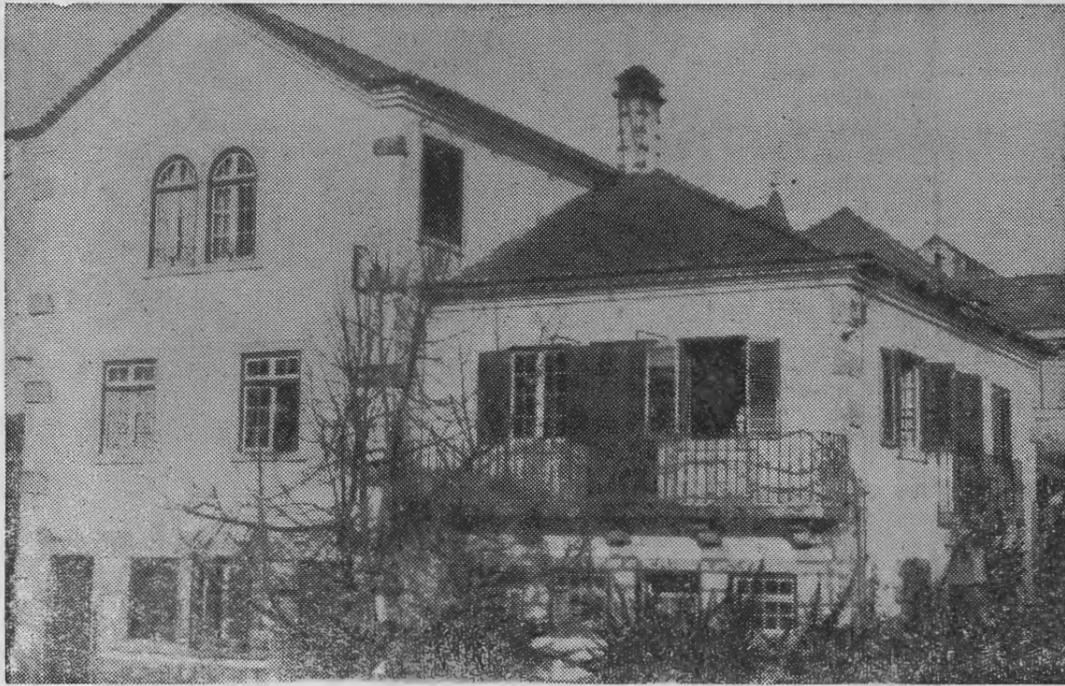




O Gaiato

27 DE NOVEMBRO DE 1971
ANO XXVIII — N.º 723 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



A CASA-MÃE, DE MIRANDA DO CORVO — BERÇO E SALA DA FAMÍLIA.

Tribuna de Coimbra

DESDE há muito vamos ao seu consultório e somos tratados carinhosamente. As vezes ainda trazemos o honorário do último cliente. A Esposa e uma das filhas passaram por nossa Casa. Já nos conheciam, mas de tão perto não. Ficaram presas e resolveram voltar. A Senhora, como prenda de anos, pediu para os passar na Casa do Gaiato e oferecer um lanche a todos. A família achou bem.

Fomos prevenidos. Foi um domingo à tarde. Aquela família convidou outras famílias mais íntimas, como se fosse para sua própria casa. Trouxeram os mimos nas malas dos carros. As mesas da nossa sala de jantar ficaram em festa. Em toda a Casa foi uma festa. Durante a refeição os Rapazes fizeram festa.

Todos, na despedida, prometeram voltar. Nunca assim tinham vivido um aniversário. Não faziam ideia exacta duma Casa do Gaiato. Aquele Amigo tem-me dito que foi um dos dias mais bem passados da sua vida. Eu acredito.

Quantas vezes anda tanta gente à procura dum lugar onde passe horas felizes no seu dia de descanso semanal e não encontra! Até

peessoas muito amigas que nunca conheceram a nossa Casa! Nós continuamos a ser um Santuário de Almas, onde todos os que têm alma podem repousar.

x x x

Já há anos lhe tinha acontecido não ter dinheiro quando fizemos o peditório numa igreja e tirou a aliança do dedo e colocou-a na nossa saca.

Este ano foi numa praia. Na altura do ofertório da Missa em que fizemos o peditório, aquela Senhora não tinha nada de valor material para oferecer. Em casa também não, pois era fim do mês. Olhou para o colar que trazia ao pescoço. Pensou dá-lo, mas o colar era prenda de um ser muito querido. Resolveu dar o valor dele.

Logo que lhe foi possível mandou avaliar uma pedra. Esperou ocasião de me encontrar. Foi há dias numa reunião. O primeiro a ver-me foi o Marido. Deu-lhe a notícia. Ela não estava

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

Aqui Lisboa

Gostámos sempre das lições práticas. As vezes perdemos com especulações mais ou menos vazias ou em minúcias marginais que nada dizem em ordem à vida. Não basta descrever o arado e discriminar teóricamente os pontos de aplicação das forças em jogo; o que é preciso é ter em conta a finalidade em vista, pegar na rabiça e exemplificar como se desbrava e sulca a terra.

Em matéria de educação há também e sobretudo muito preciosismo verbal, escrito ou falado, acompanhado muitas vezes de atitudes ou expressões requintadas, sem expressão concreta e real, nada contribuindo para inculcar ou sugerir algo de prático e de vivo àqueles a quem se dirige. Até neste capítulo se procura o «bom tom», oco de princípios e ineficaz de resultados. Não bastam as teorias, por melhor apresentadas que o possam ser; é indispensável a sua incarnação vital, não esquecendo que aqueles a quem se dirigem são pessoas, indivíduos, não susceptíveis de se reduzirem a coisas ou a números.

Na prática não satisfaz dizer como se deve fazer ou realizar. «Bem prega Frei Tomás»... É indispensável dar o exemplo, pela vivência daquilo que se pretende comunicar. Reside aqui, quanto a nós, uma das mais graves deficiências e razões de ser dos processos constatados. Ai dos pais e dos educadores que se ficam nas palavras e nos conselhos, se as suas

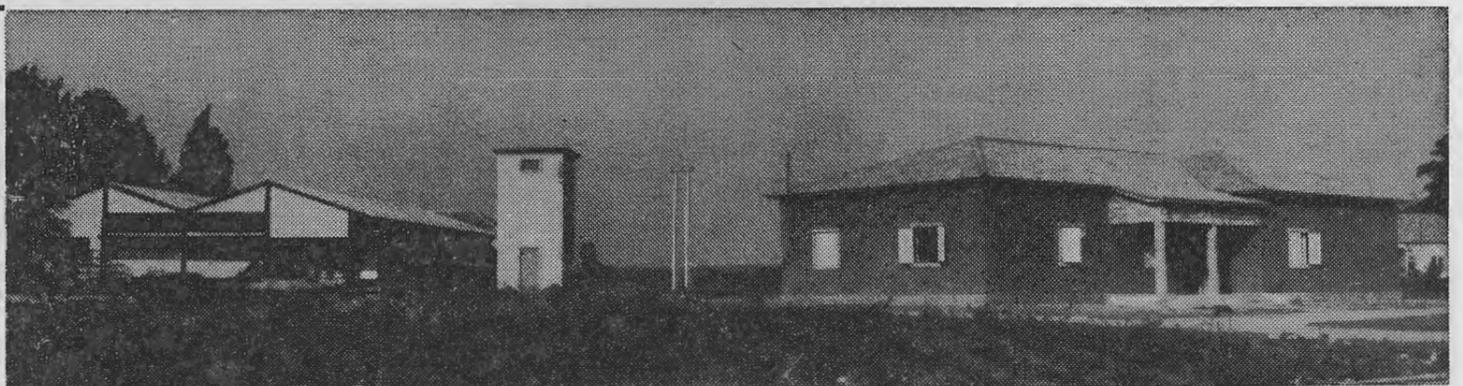
vidas não forem um testemunho da unidade entre o que dizem e o que realizam! Tudo será vão e as consequências precisamente ao contrário do visado, negativas, pela ausência de coerência revelada.

Há poucos dias, estive entre nós um Casal com três dos seus seis ou sete filhos, quase todos universitários. Já não é a primeira vez que entramos em sua casa e nos apercebemos de que reina ali um ambiente ímpar. O trato entre marido e esposa, cheio de delicadeza, revela-nos logo que estão ali Pais, apesar da disparidade de religiões. As relações entre os filhos e os progenitores ou entre aqueles, para lá das tensões e ajustamentos naturais que a própria vida e a idade comportam, respiram um ar sadio. Temos visto e ouvido o suficiente para nos apercebermos que há naquele Lar uma preocupação pelos outros que se procura inculcar na descendência e que por esta é já partilhada. Há exemplo de quem educa. A vinda à Casa do Gaiato e o envelope aqui deixado foram uma lição prática. Assim vale a pena educar. Bem hajam os Casais que assim procedem e não se ficam apenas nas teorias. Para lá do auxílio material são portadores dum outro tipo de ajuda que nos enche e consola dos picos dos espinhos que tocamos no dia a dia. Reverentemente lhes beijamos as mãos como sinal de gratidão pelo bem recebido.

Padre Luís

MALANJE

Nova casa e
oficina da Aldeia



OBRAS NA AVENIDA — A nossa avenida acaba de ser alcatroada. Vai beneficiar o nosso trânsito e o dos visitantes. E, em especial, o trabalho dos nossos «batatinhas» — sobretudo nestes dias frígidos de inverno!

A obra está pronta. E os nossos «batatinhas» mais satisfeitos. O vento encarrega-se de arrastar as folhas e o lixo para as valetas, isto é, facilita-lhes o trabalho... Que bom!

TIPOGRAFIA — Continuamos em maré de progresso! E de mais responsabilidade para todos nós, pelas vantagens que nos são proporcionadas! Chegou, há pouco, uma nova máquina — a «Monotype-Super». Oferta muito oportuna. Precisávamos tanto de substituir tipos velhos e material branco! Veio mesmo na «hora H», até para complemento das nossas aprendizagens profissionais.

FESTAS — Vão principiar os ensaios! E já se trata da marcação de datas...

O nosso ensaiador escolheu o elenco para, dentro de breves dias, iniciar os trabalhos práticos, dado que o programa artístico está delineado.

Aconteceu um caso curioso: Um dos nossos — habitual no conjunto das Festas — há dois anos que não podia participar, porque frequentava a Telescola. Este ano, porém, já disponível, ficou desolado por não ser escolhido! Paciência. Temos de obedecer...

FUTEBOL — Temos feito frente a qualquer grupo. E sempre com doses elevadas!

Mas, há pouco, houve cá um jogo muito aferroado, um quase Benfica-Sporting. Foi entre a malta do Lar do Porto e a de Paço de Sousa. Os primeiros saíram vencedores por 4-2! Esta vitória, porém, foi consequência da expulsão de um dos melhores jogadores de Paço de Sousa...

No último número fez-se um pedido — que eu volto a lembrar: é a crise de bolas de futebol. Se algum leitor for capaz de nos livrar deste problema... Agradamos e agradecemos antecipadamente.

GINASTICA — Recomeçaram as aulas de ginástica, com um novo professor; aliás pessoa qualificada. Por isso, estamos muito contentes. E, não há dúvida, temos lucrado fisicamente.

CATEQUESE — Recomeçaram, também, as lições de Catequese, para os pequenos da casa 4 e da casa 3 de cima.

É uma hora diária frutuosa. E indispensável à Comunidade.

VISITANTES — Recebemos, ultimamente, muitos visitantes! Sobretudo durante as festas do S. Simão, em Urrô e da feira de S. Martinho, em Penafiel. Estas caravanas são uma alegria para a rapaziada! Aparecem sempre muitas e muitos jovens... O que não é de extranhar — mas um sinal de Juventude em nossa Casa.

Luis Nunes Marques

Notícias da Conferência de PAÇO de SOUSA

DEM AÍ O NATAL — Como é costume, velho costume de muitos anos, aqui estamos — a tempo e horas — lembrando os amigos desta coluna, que mimosearemos todos os agregados à nossa conta, com uma consoada recheada. Uma farturinha mais do que o normal, porque o ano tem 365 dias e, se for bissexto, 366... Por isso, contamos com a vossa habitual colaboração material, normalmente mais volumosa.

Não haverá sinetas, nem sessões solenes, nem mesas d'honra, nem individualidades representativas, nem senhoras da mais alta sociedade, nem repórteres, nem câmaras da TV... Só nós — com discrição, tranquilidade de espírito e alegria no coração.

Parece impossível como ainda hoje tanto se brinca aos bodos e bodozinhos! E de que forma, meu Deus! Com uma insensibilidade tanto mais injustificada quanto maior a craveira intelectual ou social dos beneméritos... Diria mais: isto é, verdadeiramente, um dos escândalos do século. O contrário da Lição colhida no Presépio!

O QUE RECEBEMOS — Não foi muito, esta quinzena. Mas não ficamos em branco. É o que interessa! Registámos 50\$00 de uma senhora do Estoril, pela mão da sra. D. Hortência — da nossa Casa de Paço de Sousa. Mais 50\$00, «para o telhado

do velhinho da Conferência». Parecem-nos que, agora, a pequena obra — que deveria ser grande... — vai para a frente! Mais 20\$00 (tão certos, tão certinhos!), da assinante 17022.

E fechámos o livro! Para todos três, um muito obrigado — em nome dos nossos Pobres.

Todos os donativos, porém, deverão ser dirigidos, ou anotados, em nome da CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA.

Júlio Mendes

MALANJE

MERECIDAS FÉRIAS — Devido à necessidade em que nos encontramos, há dias, algumas das igrejas de Luanda ouviram as vozes do Sr. P.e Telmo e do Sr. P.e Carlos; este último, actualmente entre nós vindo de Lourenço Marques, para dar alguns



Sérgio Manuel, filho do João da Rocha Antunes, que foi de Paço de Sousa e hoje reside em Lourenço Marques.

CAMPANHA DE ASSINATURAS

Novos assinantes do «Famoso»

A vida de um jornal avalia-se pela inquietação, encontro e diálogo que provoca — a todos os níveis — em benefício do Bem Comum. Por isso — e até por isso — que importa a gente, talvez, repetir-se, com simplicidade, em expansões de entusiasmo, motivadas por labaredas que crepitam nos arraiais d'assinantes e leitores do «Famoso»? Que importa?! Aqui, nestas colunas sagradas — que picadas sangrariam as artérias do Pobre — são as almas que vibram. E mais: que vivem. E, assim, atravessam o mundo no Tempo. E aquecem outras no mesmo interesse, no mesmo objectivo — no mesmo Caminho.

«FALO NA ESCOLA DO VOSSO JORNAL»

O «Famoso» não é do pobre columnista ou redactor. Mas, desde sempre, templo aberto ao outro lado mais vasto — os seus inúmeros leitores; que, felizmente, já são tantos, tantos! E, querendo Deus, hão-de ser mais. E renovar-se cada vez mais. Quem nos diz? Vós. Sois vós. Ora aqui está:

«Recebi há tempos, uma postal, por causa da minha assinatura em débito. De facto, assim deve ser. No entanto,

logo que me seja possível, enviarei a importância.

A propósito: como muitas vezes falo na Escola do vosso Jornal e leio até por vezes várias notícias dele, lembrei-me que talvez alguns pequenos quisessem assinar tão útil Jornal, até para a formação das crianças. Irreflectidamente, falei-lhes em 20\$00 anuais... No entanto, como tudo mudou, não sei se será muito pouco, embora o grande «Famoso» não haja dinheiro que o pague.

Os pequenos que o querem assinar, são... (Uma lista de oito nomes!)

Agradecia, pois, o favor de enviarem «O Gaiato» directamente aos pequenos, que todos satisfeitos ficarão, recebendo-o directamente. Eles mandarão, também directamente, a importância; mas se assim não for, responsabilizo-me pelo pagamento das assinaturas, neste primeiro ano...»

Que grande lição de Liberdade cristã, de Pedagogia actualíssima! Aqui vai, pois, um beijo para cada um dos pequenos valentes e uma saudação especial para a sua grande Mestre. E neste beijo, nesta saudação — toda a nossa Amizade. E a esperança de um Mundo Melhor.

PRESENÇA DO BARREDO

São muitos os novos assinantes preocupados com a re-

tribuição anual, pela assinatura do jornal! Como esta:

«...peço o favor de me informarem quanto é de assinatura o vosso Jornal, anualmente. E se pode a importância ser enviada em carta ou por vale de correio, porque estou interessada nessa assinatura. Quero receber o vosso Jornal em minha casa e não sei como isso é...»

Falou uma Mulher simples, do Barrado — coroa de glória de Pai Américo. Daquela «terra de mártires, de heróis e de santos...». A esta hora já lá tem o seu «Gaiato». E quanto à retribuição, aproveitamos a sua deixa para informar, inclusivamente, todos, todos, que será o que cada um entender e como entender. Simplesmente, as vias naturalmente seguras para remessas são: cartas registadas, vales do correio, valores declarados ou cheques. Ou, no Porto, o nosso Depósito, desde o alvorecer da Obra — Espelho da Moda, à rua dos Clérigos, 54; em Coimbra, a Casa Castelo; em Lisboa, o Montepio Geral. Ou nos nossos Lares do Porto, Coimbra, Lisboa e Setúbal.

A METRÓPOLE DE LÉS A LÉS

Vamos, agora, descrever, sucintamente, o grosso da proclamação.

Do Porto e Lisboa, como sempre, muitas caras novas!

Rio Tinto «inscreve mais dois amigos»: um da Areosa, outro de Vila do Conde. Mais Tondela e Tabuaço (duas vezes). Gaia, com um grupo de entusiastas. Alvarães, Rede (Douro), Damaia e Linda a Pastora. Mais Freixeda do Torrão, que se exprime assim: «É com muita alegria que escrevo este postal, pois consegui 3 assinaturas para o meu querido «O Gaiato»; uma de Algodres e duas de Freixeda. Alto! Ainda lá vem um P. S. com outra da capital! Esta Alegria empolga e mais frio dos mortais!

Outra vez Rio Tinto. Anda, por lá, muito entusiasmo! E Cascais, Coimbra, Vale do Sado e Setúbal — também com uma série deles.

ULTRAMAR

Várias presenças de Luanda. E, do Lobito, com muito interesse:

«...Tenho estado a angariar mais assinantes para o vosso Jornal. Assim que tiver um bom número deles, enviarei a lista.»

Amiga Carla: não demore muito a remessa! Olhe que pode algum dos inscritos estranhar a demora na recepção do «Famoso». Está de acordo?

Registámos, também, os nomes de vários militares, em serviço nas Províncias de Angola e Moçambique.

É tudo.

Júlio Mendes

dias de férias ao nosso P.e Telmo — que há muito tempo precisava delas. Foram dar testemunho de que a Obra da Rua não é minha, nem é vossa e nem muito menos dos padres. A Obra da Rua é de todos nós e de todos que nela colaboram.

FUGITIVOS — No regresso de Luanda, Sr. P.e Carlos e Sr. P.e Telmo trouxeram o «Faquir», Rapaz de temperamento muito aventureiro! Vou contar a sua aventura:

Queria umas férias em Luanda, e como não podia resolver o seu desejo porque ninguém ia a Luanda, resolveu ir ele e o nosso amigo «Chourigo». Passaram por lá umas boas férias. E, por fim, como o Sr. P.e Telmo teve de ir a Luanda, encontrou o nosso amigo «Faquir» e trouxe-o. O «Chourigo», disse que não queria vir; e, como neste mundo toda a gente é livre, ninguém o pode obrigar a regressar.

NOVA MORADIA — A nossa Comunidade vai aumentando. Já somos 67 Rapazes; razão porque tivemos de recorrer a mais um casa de habitação, que já se encontra totalmente acabada e habitada.

OUTRA HISTÓRIA — No regresso do Sr. P.e Telmo, de Luanda, veio o Leonel. Também trouxeram da Base Aérea do Negage, o Silva, mais conhecido por «Piguinha», em virtude de ter cá um irmão mais velho, o Oscar, a quem chamamos «Piga», o qual tem uma história muito engraçada que eu conto:

O ano passado, depois do milho estar pronto, o serviço estava distribuído da seguinte maneira: os maiores apanhavam o milho e os «batatinhas» desfolhavam as espigas. Nisto, surge uma muito grande, e o «Piga» exclama: «Oh! Olhem esta piga tão grande!»

Até aí era o Oscar. Daí para diante passou a ser o «Piga».

UMA OFERTA — A maior parte das pessoas dispensa-se de pensar; como eu. Segue a multidão, sem saber porquê. Faz o que toda a gente faz. É um instinto que se encontra dentro de nós, porque também sou assim. Apesar disto, vou deixar a maior parte das pessoas e a multidão e vou fazer o que a minha consciência manda. Vou agradecer a amabilidade com que a «Ofir» nos cedeu as camisolas para uma equipa desportiva.

Se algum leitor tiver qualquer oferta não espere as oportunidades; venha ao encontro delas. Perceberam?

Tomás Alves



Presença

Sempre será tema pleno de actualidade e apaixonante, o das relações entre a realidade temporal e a de ordem à Eternidade, de que são capítulo, habitualmente escaldante, os problemas entre a Igreja e o Estado.

Nunca a Igreja ficou engrandecida na linha da Sua purificação (que é, simultaneamente, estado atingido e dinamismo purificador), quando Se comprometeu demasiado directamente nas ocupações temporais, que não são Sua missão específica, embora vocação ao comum dos Seus membros, enquanto o são também da cidade terrestre. Contudo, é igualmente certo que Se demitiria do Seu dever de Mãe, não Se preocupando com as condições da vida temporal que, necessariamente, afectam em favor ou desfavor, o progresso espiritual dos homens em ordem ao Fim a que a Igreja compete guiá-los. Por isso que não pode desinteressar-Se, ser neutra — a Igreja debruça-Se sobre os problemas dos homens no Mundo; julga-os à luz do Evangelho... E nenhuma força é legítima para calar o Seu juízo de valor resultante da confrontação dos actos humanos e das estruturas sociais com os princípios evangélicos.

A acção dos homens, como os próprios homens, tem uma alma. Estranho é que, tantas vezes, a alma das acções dos homens, não seja homogênea com a própria alma deles! A Igreja baptiza os homens... Mas, como não há-de Ela gemer, se os seus actos são infieis ao Evangelho?! É a reacção natural de uma Comunidade de Vida — não de uma igreja de ritos! Assim, alerta o homem para a sua fraqueza ingénita e denuncia o erro das suas acções (consequentemente, das suas estruturas sociais) — erro em que pode haver alguma coerência, se o homem é pagão; mas em que há, certamente, pecado de orgulho ou de cupidez, se o homem é cristão.

Ninguém, legitimamente, pode calá-la. Mas, de facto, Ela é próscrita onde o Evangelho não tem direito de cidade. E onde se não nega este direito, é tida por suspeita sempre que se levanta a defendê-lo ou a proclamá-lo contra a conveniência mundana. Neste caso dir-se-á (conforme leio num diário, de um acontecimento em França): «O espiritual e o temporal não devem ser misturados (...). Num país de velhas tradições cristãs e liberais como é o nosso, não deve existir (entre a Igreja e o Estado) mais do que respeito mútuo e consideração recíproca, desde que cada um continue fiel a si próprio».

Que cómodo seria!..., se a Igreja «fosse fiel a si própria» no silêncio das suas sacristias, na cegueira ao que se passa no mundo, na indiferença às injustiças que clamam!

Eu penso que estas ideias se fundamentam num equívoco: que a Eternidade é descontínua do Tempo. E que este equívoco é extremamente vulgar entre os cristãos, seguindo, talvez, um falso conceito reverencial. Assim se cinde o que apenas se deveria distinguir: as duas faces do Reino de Deus, temporal e eterna, conforme às «Parábolas do Reino» (S. Mateus, capítulos 13 e 25). É, pois, certo que o espiritual e o temporal não devem ser confundidos; que constituem duas esferas diferentes e autónomas. Mas, quanto a alma está infundida no corpo para que haja vida, assim a perspectiva do Eterno deveria ser uma constante da acção temporal para que os homens se não percam do seu rumo autêntico, para que alcancem a Vida.

O Reino de Deus é, primeiramente, todo o Universo, em razão da sua criação e conservação. Considerado numa ordem mais religiosa, teve início em Israel, o Povo Escolhido. Cristo veio inaugurar os «novos tempos», os «últimos tempos», pregando e oferecendo o Reino de Seu Pai a todo o homem de boa vontade. Para este, para o que aceita Cristo e o Evangelho sem glosa, a Eternidade já começou: exactamente no primeiro instante da sua existência. «A vida não acaba; apenas se transforma». A morte é para cada homem, a fronteira das fases temporal e eterna do Reino. É passagem da vida para a Vida, na linha da Salvação estabelecida pela Páscoa de Jesus.

«O Reino de Deus não é deste mundo»... É verdade! — que o mais não cabe no menos! Este mundo é que deve ser, por obra dos homens, Reino de Deus. Para isso veio Cristo-Senhor. E antes de partir, pede ao Pai pelos Seus discípulos, realizadores consigo, ao longo dos séculos, da instauração do Reino (S. João, capítulo 17): «Dirijo-Te esta oração enquanto estou no mundo, para que eles tenham a plenitude da Minha alegria. Dei-lhas a Tua palavra, mas o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como Eu também não sou do mundo. Não peço que os tires do mundo, mas sim que os preserves do mal».

Eis a Igreja! Não é do Mundo, mas está no Mundo e, por vontade expressa do Seu Fundador, permanecerá no Mundo até ao fim do Tempo. Não usurpa, não Se excede: sendo «semente», agora enter-

rada, que depois desabrochará exuberante de frutos; sendo «trigo», agora misturado com joio, que depois será liberto e recolhido alegremente no celeiro; sendo «fermento», agora perdido na massa, que depois se manifestará no pão que levedou; sendo agora «tesouro escondido» ou «pérola» por descobrir, que depois serão exibidos em todo o seu esplendor; sendo «rede», que agora junta toda a espécie de peixes e depois conservará somente aqueles de conservar; sendo agora a Mãe e Mestra da misericórdia, para que depois os Seus filhos achem misericórdia.

O que Ela não pode é deixar que os homens se iludam, tomando o Mundo por meta quando ele é apenas trânsito...! Tampouco cingir-Se a um misticismo desencarnado! Por isso o Mundo A odeia, em seu orgulho ferido, em sua auto-suficiência denunciada, porque Ela não é do Mundo e, na esteira do Mestre, continua rezando ao Pai: «Por eles é que Eu rogo. Não rogo pelo mundo, mas por aqueles que Me deste, porque são Teus».

Por isso o Mundo A proscrive ou A desejaria muda...

Mas, por amor dos homens, Ela até ama o Mundo.

Não há valor maior no mundo que o homem. Vale mais que os diamantes. Mais que todas as pedras preciosas. Mais que todo o dinheiro. E, apesar disso, muitas vezes acontece que em primeiro lugar são fortes aqueles valores e o homem é um trampolim por onde se vai até eles.

O mais forte domina facilmente o mais fraco. E este sujeita-se porque se vê totalmente dependente daquele. Aquilo que é devido por justiça, se toma como esmola e deste modo vão surgindo aqui e além os «benfeitores» da humanidade que subiram ao seu pedestal pisando o seu semelhante. Não raro acontece que os animais são tratados com mais respeito pelos seus senhores do que o homem que está ao seu serviço. Para este «qualquer» coisa serve. Mas, para aqueles vão todos os cuidados. Injustiça a clamar por Justiça!

Esta realidade torna-se mais gritante em regiões onde uma classe se considera privilegiada em relação a outra classe que foi vegetando ao longo dos séculos, por incúria; por desprezo do seu legítimo valor; por não se lhe ter dado a mão amiga, desinteressada. Por isso há desníveis escandalosos.

Ora nós sabemos que o equilíbrio da sociedade em que vivemos será realidade consoladora quando os homens se comprometerem de que são seres solidários; necessitam uns dos outros; não de respeitar-se como tais, reconhecendo direitos, necessidades e obrigações mútuas. Onde estará o progresso que não assente nestas coordenadas?! Onde está a riqueza de uma nação se o povo não participa dela, mas apenas uma parte mínima?! Quem deve ir à frente? O mais forte, o mais

Areias do Cavaco

capaz. Mas sempre como irmão a dar a mão a outro irmão.

x x x

De todas as partes nos chegam pedidos. A uns respondemos; a outros não temos coragem de responder, a dizer que não. Todos os meios servem, inclusivé a «cunha». Não, não pode ser. Não aceitamos de modo nenhum esse processo. Neste momento, com a Casa cheia como está, não temos possibilidades de receber alguém mais. Aguardamos ansiosamente o acabamento das duas casas de habitação e, por certo, alguns problemas mais graves poderão ser resolvidos. Agora, não.

Padre Manuel António

já sabia de construção e a nossa língua. O padre português agarrou-se a todos os trabalhos e safu quase artista. Ambos soaram gotas grossas nos dias quentes de Julho.

O belga fez cá 26 anos. Quis oferecer mimos a todos. Fizemos-lhe uma festa. É filho de bons lavradores. Está totalmente dado ao movimento. Há dias, recebemos uma carta sua. A certa altura diz assim:

«Para matar as saudades tenho uma notícia bastante agradável. No princípio de Nov. vou sair para o Congo ex-Belga. Não era previsto assim, mas os documentos para o Chile não estão prontos e em Congo os nossos companheiros precisam da minha ajuda».

Com estes apontamentos queremos deixar a nossa angústia e a nossa esperança. A nossa angústia por todos aqueles que têm mãos e as não querem dar. Tantos jovens com uma juventude ociosa, a matar o tempo e a matar a própria juventude! A desperdiçar bens que nunca mais encontrarão! E vê-los nas praias e noutros centros de diversão!...

A nossa esperança está em todos aqueles que se dão. Heróis que renunciam à pátria, à família, ao curso, ao clima, à saúde. Vão para o Chile, para o Congo, para Portugal, para onde outros homens precisem da sua ajuda. Assim podemos acreditar na promoção humana e social. Assim cada família necessitada virá a ter sua casa.

Padre Horácio

Visado pela
Comissão de Censura



PATRIMONIO DOS POBRES

A promoção social de que hoje tanto se fala, e pela qual se está a fazer alguma coisa, é obra de todos os de boa vontade. Não estamos a esperar que os homens subdesenvolvidos se promovam só por si. Demos as mãos e demos-lhas.

Recordo sempre, com certa graça, a conversa daquele senhor engenheiro, accionista e administrador duma companhia, a quem fui pedir uma ajudinha. Respondeu-me que os padres agora pregam uma doutrina em que os ricos têm que descer ao nível dos pobres. Sorri-me e disse-lhe: — não pregamos que desçam ao mesmo nível; mas que os ricos se debrucem um pouco e dêem as mãos aos pobres que as possam tomar e subir e, assim, sentirmo-nos mais próximos uns dos outros.

Já há dois anos falámos deste movimento e hoje voltamos a recordá-lo. É o Movimento Internacional dos Companheiros Construtores. A sua finalidade

é ajudar os Pobres a construir suas casas. O movimento recebe voluntários, geralmente estudantes em férias, que se dispõem a trabalhar onde for necessário, sem ordenado, sem exigências, recebendo somente viagens e alojamento.

Este verão passado estivemos muito ligados ao movimento. O nosso Lar de Coimbra abriu as portas, um dia por mês, aos que chegavam. Depois de se entenderem, embora cada um em sua língua, organizavam as equipas e partiam. Os campos de trabalho deste ano foram: Miranda do Corvo, Seixo de Mira, Viana do Castelo, Pampilhosa e Beire. Vieram belgas, alemães, franceses, espanhóis e portugueses. Estudantes de direito, engenharia, electrotecnia, seminaristas, padres diocesanos e religiosos, alguns com cursos de construção civil, um jornalista, dois arquitectos.

Numa das nossas Casas do Gaiato estiveram um belga e um padre português. O belga



SETUBAL

Sempre que a evidência da vida traz ao de cima esta verdade bebida por Pai Américo no Evangelho e expressa tão ao seu jeito — «todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão» — apetece-nos contá-la, saboreando sempre matizes novos e dando-lhe a expressão que as circunstâncias nos revelam.

A técnica nova do apostolado recomenda a formação de «comunidades base». Comunidades onde se vive e evidencia o amor. Comunidades onde a



O Teixeira e a sua Família.

comunhão não seja fachada, onde os bens da natureza e da fé circulem sem barreiras e com impulsos renovados pelo esquecimento voluntário do «Excelentíssimo senhor Eu». Comunidades onde as bem-aventuranças sejam vida!...

A intuição de Pai Américo é a de todos os que se apaixonaram por Cristo. Ao longo da História da Salvação, encontramos sempre diferentes, sempre novos, alimentando-se da «Perene Novidade» que é Jesus-Amor.

A busca constante de uma Casa do Gaiato é procurar ser Família; onde o Padre seja Pai e os Rapazes filhos — uma comunidade onde o amor circule. Só uma forte esperança baseada na confiança em Deus e na força irresistível do amor é capaz de gerar uma família.

Com o rodar de mais de uma dúzia de anos, é natural o apetite de colher os primeiros frutos! E eles vêm! Muitas vezes são imperceptíveis, outros ainda escapam-nos por incapacidade nossa para os saborear!... Mas... são muitos!... Eu tenho dado pouca notícia deles. Tenho-me afogado nas preocupações do dia a dia e, por vezes, nem dou por eles.

Esteve connosco o Teixeira, com a sua mulher e filha, durante dois dias. O Rapaz não me largou. Se Pai Américo fôsse vivo chamar-lhe-ia um «massacrado». Ele e eu fomos «massacrados»!...

Antes tinha-me escrito:

«Faço votos para que esta minha carta o vá encontrar de perfeita saúde, na companhia dos seus Rapazes, que nós bem graças a Deus.

Sr. Padre, espero que não me torne maçador por, de vez em quando, lhe escrever. É por que gosto de lhe dar notícias minhas, pois parte da minha vida lhe pertenceu e a quem eu devo muito.

Sr.-Padre, a nossa Carla foi baptizada no Domingo de Páscoa. Já lá vão alguns meses, mas só agora me foi possível escrever-lhe, para lhe mandar esta simples foto da Carla connosco, pois a bebé está muito gira, dia para dia, e é uma boneca autêntica! Como me sinto bem ao vê-la todos os dias, quando chego do trabalho! Vou buscá-la à minha sogra. É a minha vida. É aquilo que eu não tinha: esperança de ter felicidade na minha vida. Agora, sinto-me bastante feliz e recordo a minha infância tão diferente da minha Carla.»

Depois voltou, na espontaneidade que lhe é peculiar:

«Quanto me senti feliz de passar esses dias aí! E como nos receberam tão bem! E eu que nada agradeço, pois foi uma despedida tão à pressa! Mas, agora, quero-lhe agradecer — um muito obrigado por tudo. E fico esperando; quando vier a Lisboa, tenha um bocadinho para vir fazer-nos uma visita,

mas que não passe por esquecida. Não custa nada dar um salto a Odivelas! Tem a minha morada e é o suficiente. Sei que tem muito que fazer, mas um dia não são dias, pois nós gostamos imenso que venha cá. Não esquecer!»

O César Augusto veio também com a mulher e um menino. Conversaram, deram-me testemunho de Felicidade e de Segurança!...

O Bento relata-me a sua martirizada vida com a doença do filho e a sua alegria por ver a criança curada!

O Zé Maria, doente no hospital, mandou que a mulher me escrevesse a contar a sua dolorosa situação. Também durante a época estival veio passar um domingo connosco à praia.

Outros me pedem que vá a sua casa. Vê-los! Conungar com eles! Ou comer «uma jantarada».

Padre Acílio

Os donativos, continuam a chegar.

Seiça, 20\$; Maria José, de Coimbra, 50\$; Maria Angélica, 20\$; Mimi, 20\$.

Da Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, 2.610\$ — total de donativos recebidos em Outubro, com destino ao concerto da casa. Espero que venham muitos mais, pois vai gastar-se muito dinheiro.

Como devem estar lembrados, tivemos os nossos trabalhos expostos em duas montanhas, no Palácio de Cristal, no Porto. Venderam-se alguns trabalhos, e tivemos várias enco-

Estimado Assinante

Se mudar — ou mudou — de residência, envienos a sua nova morada e a anterior, exactamente com o mesmo nome indicado no endereço do jornal.

ORDINS

mendas. Os outros trabalhos, estão aqui à vossa disposição. Temos uma colcha em malha, em tons de amarelo, para cama de casal, por 600\$; outra, em tons de rosa, para cama de solteiro por 450\$; e outra, em tons de várias cores, também por 450\$. Qualquer uma delas é bonita e barata, para o trabalho que têm. Camisolas, soquetes, pegas e chales, temos com fartura; é só pedir, que vai tudo na volta do correio. O frio está à porta, e as prendas de Natal também...

Eis a nossa direcção: Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares (Douro).

Maria Augusta

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

preparada. Ele emprestou-lhe e veio dizer-me: «Minha Mulher tem um recado para si». Que alegria eu senti nas nossas duas mãos estendidas!

Tenho sentido tantas humilhações quando nas igrejas passo junto de pessoas carregadas e nos entregam uma insignificância! Custa-me tanto pregar-lhes que os homens são todos irmãos! Sinto que não acreditam na doutrina que não vivem! Vejo tantos atrofados pelos bens da terra confiados de que assim alcançam o céu!

Teve para mim sabor muito sobrenatural a atitude daquele Casal. Já nos conhecíamos há muito e em circunstâncias idênticas. Aquil delxo o seu testemunho.

Padre Horácio



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

São longos estes caminhos! Falta tanto por percorrer! E se ainda fossem abertos e claros... mas os capins crescem e nasce a incerteza do caminho certo. Sentimos que o caminho a indicar deve ser puro e único como o Evangelho. Nem as distâncias, os climas, e as raças o devem torcer. Porém, o perigo é grande quando procuramos abrir e indicar caminhos, que, longe de serem fiéis ao modo de sentir, ser e pensar dos povos africanos — nos reflectem só a nós.

Se pretendemos implantar o sentir da Igreja, não devemos ser do Ocidente nem do Oriente, mas sim, adaptarmo-nos fielmente ao sentir, aos costumes e ao próprio íntimo daquelas a quem queremos levar a Mensagem.

MALANJE

Nem sábios, nem mestres e não poderosos, economicamente, mas humildes e membros servidores da comunidade em que vivemos.

Evangelizar não é impôr, e nem só construir edifícios ou baptizar em série... mas conhecer as pessoas, ter interesse por elas e amá-las. Sermos com elas membros vivos da comunidade. Comunidade de pessoas livres.

x x x

Regressou o «Faquir». Tinha fugido com o Alberto. Pediram

Padre Telmo

LOURENÇO MARQUES

A nossa Escola que, este ano, conta mais de uma centena de alunos, tem uma sala destinada, em princípio, à promoção das raparigas que a vão frequentando, apta a servir de salão de costura e até com uma pequena cozinha.

Não pretendemos mais que complementar o ensino escolar, onde nem sempre os livros são adaptados à vida, e prepará-las para o seu lugar como futuras mulheres, elevando-lhes o seu padrão de vida familiar, com o conhecimento dos meios e recursos mais banais, para o nosso tempo.

Ora bem. Nós precisamos de duas Senhoras que se acompa-

nhem e se entendam e queiram vir, uma ou duas vezes por semana, mas com perseverança, dedicar-se a estas crianças. Que as ensinem a pegar na agulha e na tesoura, que as ensinem a coser à máquina, a lavar-se e a vestir-se com asseio; que lhes dêem hábitos de higiene caseira. Numa palavra: que as ajudem um pouco a ser as mulheres para o amanhã que vem depressa.

O trabalho não será extenuante. São ainda muito poucas as raparigas que frequentam a nossa Escola. Muitos pais, aqui à roda, prezam tanto os seus tradicionais valores económicos que não lhes per-

mitem frequentar a Escola, e se valorizem porque, pensam, emancipam-se da família e das tradições.

Não vamos, com certeza, esperar correspondência a este apelo nas Senhoras da sociedade que, para isto, não dispõem de tempo... nem costumes, nem jeito. Esperamos, sim, alguma coisa das mães de família que têm uma vida cheia mas em ordem, e podem roubar contudo um pouco ao seu tempo, enriquecendo o destas crianças sem empobrecer o dos seus, dando-lhes, porém, uma nova e necessária dimensão.

Padre José Maria